



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Portas Abertas: Do Manicômio ao Território – Entrevistas Triestinas

Rossana Maria Seabra Sade

Como citar: SADE, Rossana Maria Seabra. Portas abertas: do manicômio ao território - entrevistas triestinas. *In:* SADE, Rossana Maria Seabra. **Portas abertas: do manicômio ao território: entrevistas triestinas.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 15-18.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2014.978-85-7983-546-9.p15-18>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PORTAS ABERTAS: DO MANICÔMIO AO TERRITÓRIO ENTREVISTAS TRIESTINAS

INTRODUÇÃO

A proposta de reunir em um só livro os protagonistas que trabalham ou trabalharam no processo de desinstitucionalização em Trieste (Itália) amadureceu durante as entrevistas realizadas em meu estágio pós-doutoral, desenvolvido entre os anos de 2010 e 2011 e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Para entender o cenário de superação do manicômio em Trieste, além de análise de literatura e embates, entrevistei: Franco Rotelli, Giuseppe Dell'Acqua, Roberto Mezzina, Pina Ridente (psiquiatras); Renato Davi (psicólogo); Roberto Colapietro (operador de saúde mental); Raffaele Dovenna (enfermeiro); Carla Prosdocimo (operadora social); Morena Furlan (técnica de reabilitação psiquiátrica); Izabel Marin (assistente social). A escolha dos protagonistas obedeceu aos seguintes critérios: notoriedade na área, envolvimento com o movimento, diversidade profissional e tempo de trabalho no Departamento de Saúde Mental de Trieste. Procurei conhecer as ideias de profissionais com mais e com menos experiência, a fim de obter diversos pontos de vista sobre o processo de desinstitucionalização. Outros protagonistas participaram de entrevistas que, todavia, não

puderam ser publicadas por serem pouco audíveis ou porque a autorização para publicação não foi obtida no prazo.

A palavra entrevista deriva do francês *entrevoir* e significa vislumbrar, perceber. No que se refere à esta palavra, ao trazer as ideias dos entrevistados aqui reunidos, meu objetivo é possibilitar ao leitor reflexões do ontem e hoje da história da reforma psiquiátrica triestina, apresentando fatos e momentos que os livros não revelam ou não mostram de forma tão explícita.

Conforme Pallares e Garcia (2000)¹, entrevista é um gênero fluido e informal. Ao contrário do trabalho acadêmico lógico, a entrevista pode ser analisada como um gênero intermediário entre o pensamento e a escrita elaborada, capaz de apreender o fluxo da ideia e, nesse sentido, complementar os textos teóricos mais estruturados.

Com o intuito de revelar as pessoas por trás dos profissionais e dar-lhes oportunidade para exprimirem seus pensamentos, os entrevistados recebiam as mesmas perguntas, mas eram incentivados a falar sobre suas trajetórias, bem como sobre as implicações históricas com o movimento e com Franco Basaglia.

Em meu estágio pós-doutoral, realizei um estudo comparativo entre residências terapêuticas para egressos de longas internações em hospitais psiquiátricos implementadas por um projeto-piloto em Lins, que acompanhei desde a sua elaboração, e projetos relacionados à residencialidade (habitar e território) iniciados com o processo que levou ao fechamento do hospital psiquiátrico e desenvolvidos, hoje, pelos serviços de saúde mental de Trieste, referência mundial para as políticas de saúde mental. Consequentemente, algumas questões visavam dar subsídios a essa problematização por meio de intercâmbio de informações e aprofundamento teórico e prático, ampliação da análise crítica do modelo atual de saúde mental italiano e contraponto com o modelo brasileiro de reforma psiquiátrica.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente; os entrevistados recebiam um roteiro de perguntas, mas não eram obrigados a respondê-las. De fato, alguns não se ativeram às questões formuladas, como Franco Ro-

¹ PALLARES, B.; GARCIA, M. *As muitas faces da história*. Nove entrevistas. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

telli, que discorreu sobre várias questões relacionadas à saúde mental, mas sem seguir tal roteiro. Além disso, a extensão das respostas variava de acordo com a disponibilidade e o perfil dos entrevistados, embora todas as entrevistas tenham sido realizadas num clima descontraído e bem humorado.

Após os encontros, a leitura das entrevistas passou por dois momentos: transcrição e tradução do italiano para o português. Analisando as indagações de Pallares e Garcia (2000) sobre até que ponto a transcrição capte a expressão oral original e sobre a possibilidade de a ausência dos gestos, trejeitos, olhares e tom de voz distorcer a fala transcrita e comprometer a leitura, cabe ressaltar que as conversas foram transcritas de forma literal, fiel ao pensamento e às palavras dos entrevistados. Aboliram-se apenas pausas, repetições, adequando-se as frases para favorecer o entendimento do discurso.

O critério que me pareceu apropriado para a ordem de apresentação das entrevistas foi a linha do tempo, no que se refere ao envolvimento desses protagonistas com a trajetória histórica da desinstitucionalização triestina por quatro décadas. Assim, como Franco Rotelli foi o sucessor de Franco Basaglia na direção do Departamento de Saúde Mental de Trieste e Roberto Mezzina é o atual diretor, suas entrevistas são, respectivamente, a primeira e a última.

Conforme relataram Rotelli, Dell'Acqua, Mezzina e Prosdocimo nas entrevistas, uma das principais mudanças, em todos estes anos, ocorreu no setting: do manicômio ao ambulatório, ao centro de saúde mental, à comunidade. Agora, o espaço do cuidado é um espaço social, um espaço que está dentro da normalidade, em que a forma de atuação deve ser oposta à utilizada no manicômio: abrindo as portas, criando oportunidades de vida para as pessoas e reconstruindo vínculos com a malha social; reduzindo o poder dos técnicos, ou seja, dos profissionais; passando para uma relação de negociação em que o ator social deve ser protagonista, ter poder e palavra.

As entrevistas aqui apresentadas serão precedidas por um breve relato sobre os protagonistas, com o objetivo de nortear o leitor. As notas acrescentadas visam fornecer subsídios ao entendimento de nomes e fatos mencionados.

Antecedendo as entrevistas, apresento um ensaio teórico para facilitar a compreensão do processo da reforma psiquiátrica triestina, em que discuto aspectos filosóficos e conceituais e a atuação de Franco Basaglia, mentor do movimento.

Rossana Maria Seabra Sade